ENEPEX
ENCONTRO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
13º ENEPE UFGD - 10º EPEX UEMS
PESQUISA E TECNOLOGIA: AÇÕES PARA UM FUTURO SUSTENTÁVEL

DEGRADABILIDADE *IN SITU* DA MATÉRIA SECA E PROTEÍNA BRUTA DE TORTAS OLEAGINOSAS

OLIVEIRA, Raquel Tenório[1] (raqueltennorio@gmail.com); **GOES, Rafael Henrique de Tonissi e Buschinelli**[2] (rafaelgoes@ufgd.edu.br); **GONÇALVES, Nayara da Silva**[1] (nayagsm@hotmail.com); **BRITO, Hulle Lívia Costa**[3] (hullelivia@hotmail.com); **ANSCHAU, Douglas Gabriel**[1] **(**douglasanschau94@hotmail.com); **OLIVEIRA, Sullyvan Silva**[1] (sullyvanoliveira23@gmail.com)

[1]Discente do Programa de Pós-Graduação em Produção Animal da UFGD – Dourados;
[2]Docente do curso de Zootecnia da UFGD – Dourados;
[3]Discente do Programa de Pós Graduação em Produção Sustentável e Saúde Animal da UEM – Umuarama.

No Brasil, grande quantidade de coprodutos da agroindústria tem potencial uso na alimentação de animais, como oriundos da cadeia do biodiesel, e estes podem ser empregados como fontes de nutrientes para animais por apresentarem alta digestibilidade da máteria seca e por propiciar redução no custo da alimentação dos animais. O objetivo deste trabalho foi avaliar a degradabilidade ruminal, utilizando a técnica *in situ*, de tortas residuais de canola, cártamo, nabo forrageiro e soja, as mesmas foram moídas em moinho de facas com peneiras de 3 mm, posteriormente foram pesados na quantidade de 0,5 gramas e introduzidos em saquinhos de TNT (100g/m2), e incubadas diretamente no rúmen de três bovinos da raça holandês, com peso médio de 350 kg, fistulados e providos de cânulas ruminais, mantidos em baias individuais. Os alimentos foram incubados em ordem decrescente de 72, 48, 36, 24, 18, 12, 6, 3 horas em triplicata por animal e por tempo de incubação. O desaparecimento da Matéria Seca e da PB, foi baseado na diferença de peso entre o material incubado e o material recuperado após incubação. Os parâmetros de degradação foram estimados conforme assintótico de primeira ordem: DP = a+b(1-e-ct). Onde DP=degradabilidade potencial; a=fração solúvel; b=fração potencialmente degradável da fração insolúvel; c=taxa de degradação da fração b; t= tempo de incubação em horas. A fração “b” da matéria seca (MS) para a torta de canola foi 48,45% e da proteína bruta (PB) de 53,88%, o que proporcionou média degradação ruminal para PB. O nabo forrageiro apresentou alta degradabilidade ruminal para a MS e PB (51,83 e 55,12%). A torta de soja apresentou fração ―a‖ de 43,10 e 27,63%, para a MS e PB, com uma degradabilidade efetiva de 77,77%, enquanto que a torta de cártamo apresentou a menor fração solúvel para MS, já para proteína não foi tão baixa PB (39,18 e 48,49%), causando baixa degradabilidade ruminal para o cártamo. A torta de canola apresentou valores intermediários das frações “a”, “b”, média degradabilidade ruminal, tanto para a MS como para a PB. Os valores para a fração potencialmente degradável foram semelhantes entre as tortas de Nabo forrageiro e canola e já a fração solúvel observou valores parecidos entre a soja e nabo forrageiro (20,17 e 20,16). Os alimentos avaliados apresentaram média degradabilidade ruminal, exceto a torta de soja que teve maior valor de degradabilidade ruminal.

Palavras-chave: coprodutos, cinética, tortas

Agradecimentos: Os autores agradecem a UFGD, CAPES, CNPq e FUNDECT, pela concessão das bolsas de estudo e financiamento de parte projeto.